

# NAVEGAR É PRECISO: A EXPANSÃO ULTRAMARINA EUROPEIA E A EDENIZAÇÃO DO NOVO MUNDO

## META

Apresentar os fatores fundamentais que contribuíram para as Grandes Navegações do século XVI.

## OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

identificar os principais fatores contribuintes para as Grandes Navegações do século XVI;

reconhecer a importância de um ideal de propagação da fé e da crença em um “Paraíso terreal” entre os europeus nas Grandes Navegações;

perceber os desdobramentos das Grandes Navegações para o mundo do século XVI, considerando as transformações econômicas, tecnológicas e culturais nelas envolvidas.

## PRÉ-REQUISITOS

Leituras sobre a crise do Medievo. Noções de História Econômica.



Mapa representando a Rota da Seda – conjunto de caminhos que liga a costa do mar Mediterrâneo à China, atravessando 7 mil km entre os territórios dos atuais Iraque, Irã, Turcomenistão, Uzbequistão, Afeganistão e Paquistão, e por onde eram transportadas mercadorias do Extremo Oriente para a Europa e o mundo árabe. A tomada de Constantinopla pelos turcos otomanos (1453) inviabilizou o comércio europeu pela rota, aumentando a necessidade da expansão marítima.

(Fonte: <http://pt.wikipedia.org>)



Painel representando Bartolomeu Dias e seus marinheiros em meio a uma tormenta, antes de chegar ao Cabo da Boa Esperança. Dias foi o primeiro europeu a navegar para além do extremo sul da África, dobrando, em 1488, o Cabo das Tormentas (futuro Cabo da Boa Esperança) e chegando ao Oceano Índico a partir do Atlântico. Antes, para se chegar à Índia era preciso cruzar o Mar Mediterrâneo, passando por Gênova e Veneza. A viagem de Bartolomeu Dias, continuada posteriormente por Vasco da Gama, abriu o caminho marítimo para a Índia.

(Fonte: <http://pt.wikipedia.org>)

## INTRODUÇÃO

“Eu vi um céu novo, e uma terra nova.  
Porque o primeiro céu e a primeira terra se foram,  
E o mar já não é. E eu João, vi a cidade santa,  
A Jerusalém nova, que da parte de Deus descia do céu,  
Adornada como uma esposa ataviada para seu esposo”.  
(Apocalipse, XXI, 1 e 2)

### Fernando Pessoa

Foi um poeta e escritor lusitano. Nasceu e morreu em Lisboa. É considerado, juntamente com Luís Vaz de Camões (1524-1580), um dos principais expoentes da língua portuguesa.

“Navegar é preciso, viver não é preciso”. É quase impossível não lembrar dos versos de **Fernando Pessoa** (1888-1935), quando falamos das Grandes Navegações. Sim, pois o século XVI foi o século do transporte marítimo. As dificuldades das viagens por terra, a necessidade de novos terrenos, de especiarias e ouro, impunham aos homens dos seiscentos a urgência em lançar-se ao mar. Navegar era preciso. Viver, nem tanto.

São várias as razões para navegar no século XVI. A primeira delas encontra-se na busca por alimentos. Afinal de contas, a Europa passara por crises terríveis. Naqueles tempos, a fome e as crises de subsistência atormentavam soberanos e comerciantes. Portugal, pioneiro nas aventuras, passou por aproximadamente 21 crises de subsistência entre os séculos XIV e XV.

A frase, inspirada na afirmação em latim “ Navigare necesse; vivere non est necesse”, na verdade é de outro autor . A frase é de Pompeu, (106-48 a.C) general romano. Segundo Eduardo Martins, “foi o general romano Pompeu, que precisava levar trigo de uma província para Roma e exortou os marinheiros a zarparem, num dia de tempestade e vento muito forte. Ou seja, navegar, para cumprir a missão, era mais importante que viver”. MARTINS, Eduardo. O que eles não disseram. História Viva. Ano I, n.5, mar.2004.p.17



Caravelas portuguesas.  
(Fonte: <http://www.noomilenio.inf.br>).

Primeiro, foram os rios que tomaram viajantes das rotas terrestres: Sena, Reno, Danúbio, Loire, Saona, Rodano, Pó. Depois, o afastamento das costas se torna uma exigência daqueles que buscavam novas terras agricultáveis, metais preciosos, especiarias e uma melhor sorte em suas vidas. O salto destes marujos rumo ao desconhecido, ao mar temido, ao tenebroso inimigo de suas mulheres, compreende um empreendimento comercial, sem dúvida alguma. Negociantes da Itália e de outros países se envolvem diretamente no financiamento das viagens dos reinos ibéricos. Porém, é preciso considerar outras motivações. Entre elas, a concepção das novas terras como espaços do sagrado, a crença em um novo Éden merece ser considerada.

O período denominado pelos historiadores de “descobrimento” compreende desdobramentos das significativas mudanças ocorridas nas estruturas da sociedade europeia. A efervescência do Mercantilismo, a gesta-



Astrolábio.  
Fonte: <http://www.educ.fc.ul.pt>



Quadrante.  
Fonte: <http://www.astro.mat.uc.pt>



Bússola.  
Fonte: <http://blig.ig.com.br>

na Índia, em 1519. Ora, embrenhando-se pelos mares do Oeste, os portugueses acreditavam que encontrariam tanto soberanos quanto povos de fé

ção e o fortalecimento dos Estados Nacionais, a construção de novos tipos de embarcações – as **caravelas** – mais rápidas e seguras, a aquisição de novas técnicas e instrumentos – o **astrolábio**, o quadrante, a bússola –, assim como a criação da Escola de Sagres (localizada em Cabo São Vicente, Portugal) alteraram definitivamente a arte de navegar.

Pioneiro nas Grandes Navegações, Portugal, “de frente para o oceano, é o lugar ideal para se controlar a economia-mundo” como escreveu Fernand Braudel (1996, p. 22). Em 1415, Ceuta é atingida e inaugura o avanço europeu na caça de novos territórios. Nesta empreitada, Portugal teve na Espanha seu grande rival durante os primeiros tempos do processo de “descoberta”. Ainda em 1492, o genovês **Cristóvão Colombo**, apropriando-se da tecnologia de Sagres, financiado pela coroa espanhola, antecipou-se aos lusitanos e atingiu o novo continente na altura da América Central. Anos depois, em 1500, Cabral pisou terras americanas mais ao sul.

Dentro desse período, muitos portugueses e espanhóis possuíram uma visão edenizada do novo mundo. Observem-se os relatos dos viajantes, diversas obras literárias ou mesmo certas ilustrações da época. É perceptível, em considerável parte destes, a imagem da América como a de um “paraíso terreal”.

“Cristãos e especiarias”, teria respondido Vasco da Gama quando questionado sobre aquilo que buscava

### Caravelas

Eram barcos de cerca de 30 metros, com capacidade de transporte para 50 toneladas. Possuíam 3 mastros e utilizavam velas latinas - que permitia navegar contra o vento e evitar contratempos em regiões desconhecidas pelos exploradores. A embarcação poderia também carregar artilharia.

### Astrolábio

Instrumento inicialmente utilizado para determinar a posição dos astros no céu. Foi utilizado para a navegação marítima a partir identificação das posições das estrelas. O astrolábio era composto por um disco de latão graduado na borda, um anel de suspensão e num ponteiro chamado medilina. Poderia ser utilizado em embarcações e mesmo carregado para terra firme. Depois, foi substituído por um instrumento semelhante denominado Sextante.



**Cristóvão Colombo**

Foi um navegador italiano, provavelmente nascido em Gênova. Há divergências quanto ao seu ano de nascimento (1437 ou 1448) e mesmo sobre o seu nome. Sob o patrocínio de Fernando II de Aragão e Isabel I de Castela, chamados Reis Católicos da Espanha, Colombo liderou a expedição que atingiu o continente americano em 12 outubro de 1492. O Objetivo inicial da sua viagem era chegar às Índias. Chegou a receber os títulos de Grande Almirante do Mar Oceano, Vice-Rei e Governador Perpétuo das Índias, e Cavaleiro da Corte dos Reis de Espanha. Faleceu em 1509.

cristã. Porém, para desencanto dos exploradores, a predominância era de mulçumanos. Ao chegar à Índia, Vasco da Gama percebeu que navegava em “mare islamicum”. O Oceano Índico era um terreno do Islã e o que ele, Vasco, encontrou? “Tutti i mori della Mecca”, ou seja, todos moradores de Meca (BRAUDEL, 1996, p.22).

Percebe-se que o poderio comercial mulçumano ameaçava Portugal. O controle por eles exercido sobre o comércio de especiarias (canela, noz-moscada, gengibre, pimenta, açafrão etc.), assim como em entrepostos que serviam de escala na viagem destes produtos rumo à Europa, alimentara a fúria dos exploradores europeus. Em momentos como estes, caiu o véu de encantamento com as descobertas que pareciam envolver as navegações. Em seu lugar, apareceu o massacre.

Foi assim, por exemplo, entre 1502 e 1505. Acompanhado de pesada armada, Vasco da Gama ataca, cobra tributos, dispara os seus canhões vorazmente. Mutila. Vence os seus inimigos. A violência passa a ser um expediente recorrente nas ações dos exploradores. Uma tripulação inteira é queimada em meio aos avanços de Vasco e suas embarcações. O paraíso estava distante daquela terra de “pagãos”. Tantas atrocidades evidenciam o empenho português em deter o avanço mulçumano, em desarticular as suas rotas comerciais. E pouco a pouco Lisboa avança: Quíloa, Sofala, Moçambique, Socotorá, Somo Quíso... O mar é percorrido, demarcado e controlado pelos lusitanos.



*Orbis universallis*, de 1552. Autor: Sebastian MUNSTER (1589 1552). Biblioteca Nacional. (Fonte: <http://objdigital.bn.br>).

A crença do europeu na existência de um paraíso terreal, até então oculto, foi fundamental nas transformações ocorridas a partir do século XV. A força dos “signos do maravilhoso”, herdada da mentalidade medieval, atravessou os mares e, num primeiro instante, sacralizou o novo continente.

Seria possível, falar em um mundo fascinado pelo maravilhoso, pelo sobrenatural? Poderíamos falar em homens abismados, extasiados com aquilo que foi visto na selva brasileira, por exemplo? Cabe, em meio ao racionalismo dos nossos dias, falar em medo ou angústia nas histórias do “descobrimento” e colonização? Talvez não. Mas se deixarmos nossos olhos atentos aos escritos de alguns personagens daqueles tempos, algo a mais do assunto venha à tona. Poderemos encontrar sinais de uma idealização das novas terras.

Tal edenização manifesta-se em textos diferenciados. A América apresenta-se, inicialmente, como uma antítese do continente europeu. Aqui, até os criminosos tornavam-se virtuosos. Um mercador florentino escreveu que “aqueles mesmo que na Espanha foram conhecidos como homens de má vida, ao chegarem às Índias mudaram totalmente de condição, tornaram-se virtuosos e procuraram viver civilizadamente”. A conclusão do negociante italiano não poderia ser outra: “mudando o céu, mudam de natureza” (GERBI, 1996, p.433). Distantes dos problemas do solo ibérico, o europeu deslumbra-se com as belezas tropicais. A Europa doente e fria contrastava com a América, saudável e de clima ameno.

Vamos aos exemplos. Entre os historiadores do período colonial, a escrita característica para o Novo Mundo é, salvo raras exceções, marcadamente elogiosa. Os trabalhos refletem basicamente duas coisas: 1- a intenção dos autores em construir uma imagem paradisíaca da América e mesmo do Brasil; 2- Evidencia-se aí a esperança ou a crença na existência de um paraíso terreal num ponto até então desconhecido.

Segundo o **padre Antônio Vieira**, (1608-1697) depois da primeira criação, “Deus não criou, nem cria substância alguma material ou corpórea; porque somente cria de novo as almas, que são espirituais: logo que terra nova, e que céus novos são estes, que Deus tanto tempo antes prometeu que havia de criar?”. O próprio Vieira respondeu ao escrever: “digo esta nova terra e estes novos céus, são a terra e os céus do mundo novo descoberto pelos portugueses”. Por fim o clérigo arremata: “esta é a terra nova e o céu novo, que Deus tinha prometido por Isaías” (VIEIRA, 2001, p.597). Antes do sacerdote, o já citado Cristóvão Colombo apresentou argumento semelhantes aos reis espanhóis: “ao levar adiante a empreitada dos índios, nem a razão, nem a matemática, nem os mapas me tiveram qualquer utilidade: cumpriram-se apenas as profecias de Isaías” (VEJA, 1991, p.76). Sobre a existência do paraíso terreal, é conhecida a promessa divina ao personagem bíblico: “porque eis aqui estou em que crio uns céus novos, e uma terra nova: e não persistirão na memória as primeiras calamidades, nem subirão sobre



**Padre Antônio Vieira**

Religioso português, nascido em Lisboa, que se destacou como escritor e orador jesuíta. Tornou-se figura influente na política do século XVII. É autor de uma obra respeitável. Alguns dos seus textos mais conhecidos estão em Sermões (1679), publicados em vários tomos. Faleceu na Bahia, em 18 de julho de 1697.

o coração” (ISAÍAS, LXV, 17). A partir da crença neste possível paraíso, a América parecia ser o local que Deus assegurou construir.

Observe-se também que Colombo assinava no formato greco-latino *Xpo Ferens*, identificando-se com Cristo, cuja abreviatura era “X”. Deste modo, ele insinuava que desde o batismo estava ligado a São Cristóvão e, como este santo, nascera designado a grandes travessias. Sendo assim, a possibilidade de haver encontrado o “jardim delicioso”, a “cidade santa”, a “Jerusalém nova” (conforme GÊNESIS II, 8) não pareceu impossível àqueles que primeiramente aportaram na América. Conforme afirma Sérgio Buarque de Holanda: “como nos primeiros dias da criação, tudo aqui era dom de Deus, não era obra do arador, do ceifador ou do moleiro”.

Na sua *História da América Portuguesa*, de 1730, Rocha Pita (1660-1738) chegou a afirmar que “é enfim o Brasil o paraíso terreal descoberto”. Descrevendo nossas terras, o ufanismo é constante no autor baiano: “o sol em nenhum outro hemisfério tem raios tão dourados” e “vastíssima região, felicíssimo terreno em cuja superfície tudo são frutos, em cujo centro tudo são tesouros” (PITA, 1976, p.19)

Com as primeiras explorações da nova terra, alguns elementos simbólicos reforçaram a ideia de um “jardim delicioso”: a ausência de invernos com nevascas e chuvas de granizo certamente contribuía para a edenização da América. Como a flora, a fauna brasileira era também motivo de espanto a muitos colonos.

Não apenas o papagaio, pássaro que conforme Sérgio Buarque de Holanda, era associado na Índia ao Éden e ali “não faltava quem situasse, por sua vez, o Éden bíblico, contribuiria naturalmente para sua inclusão entre as aves paradisíacas” (HOLANDA, 1959, p.236), mas também o beija-flor (que Fernão Cardim julgou ser uma borboleta que se convertia em pássaro formoso) e o louva-a-deus, para muitos colonos capaz de se converter em vegetal, além de diversos outros animais e insetos, foram alvos de especulações, servindo de argumento para a edenização Novo Mundo.

Isto, é provável, relaciona-se com o fato de que “durante o Renascimento e ao longo do século XVIII, a tendência para se procurarem em todas as coisas os significados ocultos, longe de constituir uma especialidade hispânica e sobretudo castelhana, estava generalizada para todo o mundo ocidental” (HOLANDA, 1959, p.248).

Nem mesmo os choques entre os colonos e os nativos destruíram, por completo, esta imagem. Ainda que para muitos a descoberta da América acabasse reduzindo-se a uma troca de males (a gripe do Velho Continente pela sífilis do Novo) o evento cristalizou-se como o instante de contato do europeu com um mundo paradisíaco. Para alguns, a antropofagia indígena, a sua permanência na “idade do ouro”, eram o único aspecto lamentável no empreendimento das Grandes Navegações (PETER e REVEL, 1976, p.141-159). Mesmo com todos os problemas, a América era “- um novo

Éden de vastidão desmesurada, um milagre com que o homem preso nos limites do espaço pigmeu da Europa, mal pode sonhar”, sentenciaria, no século XIX, o irlandês Thomas Moore (GERBI, 1996, p.257).

E se a descoberta de tal “paraíso” por um lado motivou a vinda de tantos outros europeus, por outro auxiliou na arquitetura da imagem pecaminosa do nativo: diante de inúmeras riquezas sem, contudo, saber aproveitá-las. Conquistar o “paraíso” tornava-se, portanto, ideologicamente justificável. Dominar era preciso.

## CONCLUSÃO

Certamente esta edenização sofreu fortes abalos com a efetiva colonização. As montagens dos aparatos burocráticos e militares de Portugal e Espanha no Novo Mundo fizeram este trabalho. Também é certo que esta sacralização da América não foi o único motivo para a “descoberta” e colonização do novo continente. Muito se deve às mudanças econômicas, políticas e tecnológicas. Quão longe se iria sem as caravelas? Todavia, tal idealização possui grande valor. A crença dos ibéricos num “mar tenebroso” abriu as portas para a fé num “paraíso terreal” e nos movimentos para encontrá-lo acabaram por domar as águas temidas e rebatizá-las de Atlântico.

## RESUMO

As Grandes Navegações foram um empreendimento de muitas motivações. A necessidade de alimentos; a busca por terras agricultáveis; a necessidade de ouro, prata e especiarias ajudam a explicá-la. Contudo, precisamos levar em conta outras facetas desta aventura. Uma delas é o caráter de uma cruzada em favor da propagação da fé levada adiante por muitos defensores das viagens. A afirmação da existência de um Paraíso em terra se adequou ao novo universo aberto aos europeus que chegaram primeiro à América. Porém, é aconselhável evitar buscar fatores explicativos isoladamente. A aventura das Grandes Navegações requer uma explicação ampla, na qual todos os aspectos aqui citados sejam considerados.





### ATIVIDADES

1. Como se fazia uma viagem no século XIV? Quanto tempo levava para viajar de um país ao outro da Europa? E da Europa a qualquer outro continente conhecido? E no século XV? E no XXI? Faça uma pequena pesquisa sobre isto, levantando dados sobre as formas de transporte humanas no tempo. Depois, construa um quadro comparativo colocando ao lado das informações a fonte em que cada uma delas foi obtida. Depois, reflita: o que mudou? Quais as vantagens e desvantagens de cada tempo?

### COMENTÁRIOS SOBRE AS ATIVIDADES

As Grandes Navegações marcam um avanço fundamental na história dos transportes. As inovações reunidas para este empreendimento do século XVI propiciaram embarcações mais rápidas e seguras. No século XXI, apesar de todos os avanços tecnológicos, nem sempre é confortável viajar. Além disto, a velocidade ou o modo como somos obrigados a viajar muitas vezes retiram de nós a possibilidade de apreciar paisagens, de comparar construções, de usar a viagem para refletir.



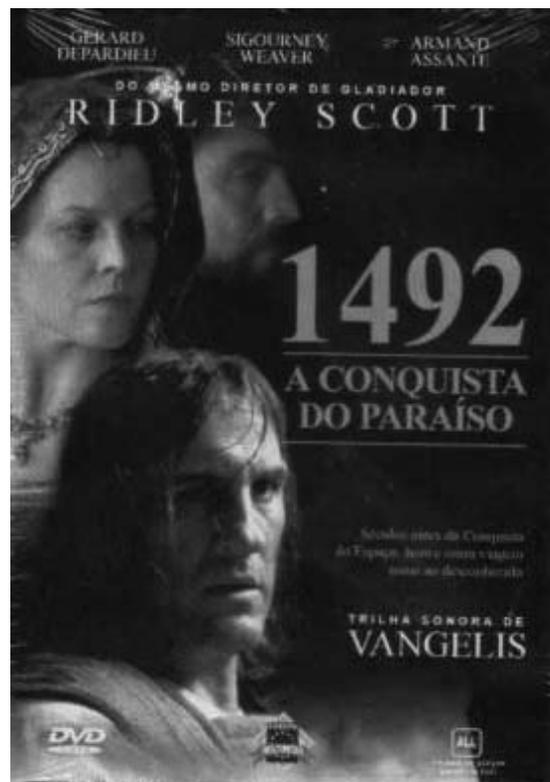
### AUTOAVALIAÇÃO

Esta atividade propõe-se a colocar para o aluno a necessidade de comparar formas de transporte, sem necessariamente hierarquizá-las. Ela objetiva motivar no leitor o desejo de observar os prováveis ganhos resultantes das transformações tecnológicas em diferentes tempos, mas também colocá-lo para refletir sobre os desdobramentos das viagens. Sugere ainda um procedimento básico de pesquisa, com a coleta de informação e sua apresentação em forma escrita.

### FILMOGRAFIA INDICADA

SCOTT, Ridley. 1492: a conquista do Paraíso. França/Espanha/Estados Unidos/Inglaterra, 1992. Sinopse: O filme narra a luta de Cristóvão Colombo (Gerard Depardieu) para convencer a Coroa Espanhola a financiar sua expedição com destino às Índias. Após conseguir o apoio da Rainha Isabel de Castela (Sigourney Weaver), Colombo parte em busca de ouro e especiarias. Porém, acaba encontrando muito mais do que esperava. Os desafios do mar são apenas o começo da aventura e tragédia em que se converteria a sua vida. Observações: Obra de fotografia cuidadosa, com

cenas impactantes. O filme de Ridley Scott focaliza muito mais Colombo, o homem, do que propriamente a complexa teia de fatores que possibilitaram as Grandes Navegações. Na película, Colombo, é representado como um idealista, alguém obstinado e tolerante. O filme pode ser visto como um confronto entre a imagem idealizada das novas terras e a sua posterior transformação em território maldito, permeado de mortes, traições e tristeza. Ele possui seqüências que podem ser analisadas separadamente em aulas e seminários. É preciso estar atento para a maneira estereotipada com que alguns indígenas são apresentados.



Capa do DVD do filme *1492: a conquista do paraíso*.  
(Fonte: <http://images.quebarato.com.br>)

## REFERÊNCIAS

- BÍBLIA SAGRADA. EDELBRA: Erechim / RS, 1979.
- BRAUDEL, Fernand. *Civilização Material, Economia e Capitalismo: séculos XV e XVIII*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- GERBI, Antonello. *O Novo Mundo: história de uma polêmica (1750-1900)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.
- O JULGAMENTO DE Colombo. *Veja*. 16 out. 1991. p. 68-88
- PETER, Jean Pierre e REVEL, Jaques. O Corpo: o homem doente e sua história. In: LE GOFF, J. e NORA, P. (org.). *História: novos Objetos*. RJ Francisco Alves, 1976.p. 141-159.
- PITA, Sebastião da Rocha. *História da América portuguesa*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.
- VIEIRA, Pe. Antônio. *Sermões*. São Paulo: Hedra, 2001. v.I